



Centro Universitário de Brasília

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA

Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo

Monografia Acadêmica

RA 20412850

Futebol Feminino: Uma análise das matérias do jornal Correio Braziliense na cobertura das Olimpíadas 2004 e dos Jogos Pan-Americanos 2007

Mariana Corrêa Monteiro Vitória

Orientador: Severino Francisco da Silva Filho

Brasília, outubro de 2007.

Mariana Corrêa Monteiro Vitória

Futebol Feminino: Uma análise das matérias do jornal Correio Braziliense na cobertura das Olimpíadas 2004 e dos Jogos Pan-Americanos 2007

Monografia de conclusão de curso apresentada à Coordenação de Comunicação Social, do Centro Universitário de Brasília, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, orientado pelo Prof. MsC Severino Francisco da Silva Filho.

Brasília, outubro de 2007.

VITÓRIA, Mariana Corrêa Monteiro.

Futebol Feminino: Uma análise das matérias do jornal Correio Braziliense na cobertura das Olimpíadas 2004 e do Pan-americano 2007/ Mariana Corrêa Monteiro Vitória – Brasília, 2007.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Orientador: Severino Francisco da Silva Filho, MsC.

Mariana Corrêa Monteiro Vitória

**Futebol Feminino: Uma análise das matérias do jornal Correio Braziliense na
cobertura das Olimpíadas 2004 e dos Jogos Pan-Americanos 2007**

Monografia de conclusão de curso apresentada à Coordenação de Comunicação Social, do Centro Universitário de Brasília, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, orientado pelo Prof. MsC Severino Francisco da Silva Filho.

Brasília, outubro de 2007.

Menção: _____

Banca Examinadora

Prof. Severino Francisco da Silva Filho, MsC

Orientador

Prof. Luiz Cláudio Ferreira

Examinador

Prof. Luzia Giffoni

Examinadora

Dedico este trabalho a todas as meninas que jogaram ou ainda jogam futebol nas quadras do mundo, sem medo de serem felizes, enfrentando o preconceito e quebrando barreiras.

Dedico, ainda, a **seleção brasileira feminina de futebol**, que durante a produção deste trabalho chegou à final da Copa do Mundo de Futebol Feminino, se destacando pela garra, vontade e força contra as discriminações e falta de apoio.

Agradeço à minha família por ter me apoiado e incentivado a seguir a carreira jornalística, e por toda a paciência e amor dedicados a mim ao longo destes quatro anos.

Aos meus amigos pela força e pelos momentos de alegria, na hora em que o desespero batia e a tristeza queria tomar conta.

Ao Carlos Eduardo Cândido, jornalista e amigo, que me mostrou os caminhos para a realização deste trabalho e que me amparou nas horas de desânimo.

À Turma da Escadinha, que se tornou amiga, pelo incentivo, apoio, trocas de experiências e companheirismo ao longo dos últimos semestres.

À Gerência de Comunicação da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), formada por colegas que se tornaram amigas, pela compreensão, confiança e força.

O Pai: Naquela manhã a Casa Branca apareceu pintada de cor-de-rosa. Era o sinal que as mulheres do mundo inteiro aguardavam. A rebelião tinha sido vitoriosa! Então elas assumiram o poder em todo o planeta. Aquela torre do relógio em Londres chamava-se Big-Bem, e não Big-Betty, como agora... Só os homens disputavam a Copa do mundo, sabia? Dia de desfile de moda não era feriado. Essa Secretária Geral da Onu era uma simples cantora. Depois trocou o nome, de Madonna para Mandona...

O Filho: Conta mais...

O Pai: O resto você já sabe. Instituíram o Robô-Troca-Pneu como equipamento obrigatório de todos os carros.... a Lei do Já-Pra-Casa , proibindo os homens de tomar cerveja depois do trabalho... E, é claro, a famigerada semana da TPM, uma vez por mês... Sim, TPM... A Temporada Provável de Mísseis... É quando elas ficam irritadíssimas e o mundo corre perigo de confronto nuclear...

O Filho: Sinto um frio na barriga só de pensar, pai...

O Pai: Shhh! Escutei barulho de carro chegando. Disfarça e continua picando essas batatas.

Resumo

A mídia esportiva dá prioridade ao futebol. É o principal esporte do Brasil, o mais amado. No entanto, os veículos de comunicação não divulgam tudo sobre futebol. Eles deixam de lado uma parcela que tem se destacado pelas conquistas e desempenho nessa modalidade: o futebol feminino. Esta monografia aborda justamente essa discriminação no jornal Correio Braziliense em relação às meninas do futebol. Foi analisado o caderno de esporte do jornal durante os Jogos Olímpicos de 2004 e os Jogos Pan-Americanos de 2007. Para enriquecer o trabalho foram feitas entrevistas com jornalistas esportivos, uma jogadora de futebol e um técnico.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo. Futebol Feminino. Jogos Olímpicos de 2004. Jogos Pan-Americanos 2007. Cobertura Esportiva.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
2 ESPORTE	11
2.1 Conceito e origem.....	11
2.2 Origem do Futebol.....	12
2.2.1 <i>O Futebol no Brasil</i>	13
3 Jogos Olímpicos e Pan-americanos	15
3.1 Brasil nos Jogos Olímpicos.....	15
3.1.1 <i>Brasileiras nos Jogos Olímpicos</i>	15
3.2 Brasil nos Jogos Pan-americanos.....	16
3.3 Futebol feminino nos Jogos Olímpicos e nos Jogos Pan-Americanos.....	16
4 Futebol Feminino	18
4.1 Origem.....	18
4.2 Surgimento do Futebol Feminino no Brasil.....	18
4.2.1 <i>Futebol feminino hoje no Brasil</i>	19
5 Jornalismo Esportivo	21
5.1 Jornalismo Esportivo no Brasil.....	21
5.1.1 <i>Jornalismo Esportivo nos dias atuais</i>	23
6 Análise da notícia: cobertura jornalística esportiva do Correio Braziliense	25
6.1 Análise quantitativa das notícias.....	25
6.1.1 <i>Futebol masculino em destaque</i>	25
6.1.2 <i>Falta de espaço para as mulheres</i>	26
6.2 Análise qualitativa do material	29
6.2.1 <i>Diversidade de assuntos</i>	29
6.2-2 <i>A jogadora de futebol no Correio Braziliense</i>	30
7 Conclusão	33
8 Referências	36
9 Apêndices	38
9.1 Apêndice A.....	38
9.2 Apêndice B.....	42
9.3 Apêndice C.....	47
9.4 Apêndice D.....	51
9.5 Apêndice E.....	54

1- Introdução

O futebol é considerado uma paixão do povo brasileiro. As partidas têm poder de fazer o país parar e levar multidões aos estádios. Os torcedores levam a sério os campeonatos e vibram, se emocionam, choram. No entanto, isso acontece apenas quando o esporte envolvido é o futebol masculino. O brasileiro parece que ainda não se interessou pelas competições disputadas por mulheres. Talvez isso aconteça por faltar campeonatos e organização ao futebol feminino no país.

Este trabalho se propõe a analisar o caderno esportivo do jornal Correio Braziliense nos períodos de 13 a 30 de agosto de 2004, quando foram realizados os Jogos Olímpicos, e de 13 a 30 de julho de 2007, quando aconteceram os Jogos Pan-Americanos.

O caderno foi escolhido porque o Correio Braziliense é o jornal de maior circulação no Distrito Federal (DF). Mesmo com as novas tecnologias da informação e com o advento dos novos meios de comunicação, o jornal ainda é bastante procurado como fonte de informação e exerce grande influência na vida do leitor.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as matérias sobre futebol feminino publicadas pelo Correio. Até que ponto elas são positivas, negativas ou neutras? Existem pontos preconceituosos nos textos? Por que o futebol praticado por mulheres ainda não tem espaço na mídia no considerado “país do futebol”?

Para tentar entender melhor o espaço do futebol feminino na mídia foram feitas pesquisas sobre a história da modalidade no mundo e sua chegada no Brasil. No entanto, a bibliografia para este tema é escassa. Os diversos livros que se dedicam à história do futebol reservam, quando muito, duas páginas sobre o futebol de mulheres. Sendo assim, boa parte do trabalho foi baseado em material elaborado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), artigos e entrevistas.

O tema abordado foi escolhido pelo interesse da autora sobre as discriminações de gênero que ainda ocorrem em pleno século XXI e pela vontade de que pelo menos dentro do esporte, instituição tão vital para a sociedade, haja igualdade.

2- Esporte

2.1- Conceito e origem

O esporte é uma manifestação cultural que atinge a uma larga faixa de público, independente de idade, sexo ou nacionalidade. Praticado ou apreciado, ele faz parte do dia-a-dia das pessoas em escolas, universidades e até mesmo dentro de casa, como rotina transmitida de geração para geração, ou apenas como passatempo.

Para identificar a importância das atividades esportivas para a sociedade, basta observar a forma como todos se comportam diante de grandes celebrações esportivas, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. No Brasil, por exemplo, em época de competições o comércio pára, as pessoas ganham folgas no trabalho e as aulas são suspensas. Tudo para que todos possam torcer por seus representantes.

Segundo a definição do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, esporte é o conjunto dos exercícios físicos praticados com método, individualmente ou em equipes. Além disso, de acordo com a publicação é, ainda, entretenimento, divertimento, prazer.

O surgimento do esporte é vinculado às atividades de sobrevivência na Pré-História, como caçar, atacar e defender. Depois, com a formação dos agrupamentos que originaram as nações, as atividades físicas tinham como finalidade a higiene. Mais tarde, o esporte ganhou conotação educativa, na Grécia. Nesta época surgiram os Jogos Gregos, primeira competição organizada da História. O doutor em Educação e em Educação Física Manoel Tubino afirma em seu livro “O que é Esporte” que este acontecimento marcou a história dos esportes para a humanidade.

Os Jogos Gregos são um marco da história esportiva, pois representam a concepção inicial do esporte. Eram disputados em homenagem a chefes gregos e muitas vezes faziam parte de rituais religiosos ou até mesmo de cerimônias fúnebres. Na Grécia antiga disputavam-se os Jogos Nemeus,

Píticos, Fúnebres, Olímpicos e muitos outros, todos extraordinárias festas pan-helênicas das quais participavam as cidades gregas. (TUBINO, 2006, p.13)

O jornalista Orlando Duarte acredita que o esporte sempre cresceu junto com o homem, por causa de sua necessidade de sobrevivência. Segundo ele, novas modalidades esportivas surgiram com a evolução do homem.

O homem sempre quis novas emoções. Há os esportes que vieram com as armas, os que vieram com os motores, os que vieram com as conquistas aéreas. O homem sempre quis criar esportes para experimentar novas emoções. Foi sempre isso, e continuará a ser. (DUARTE, 2003, p.14)

No século XIX, com as transformações da humanidade, surgiu o chamado esporte moderno, criado na Inglaterra. Esse foi idealizado por Thomas Arnold, influenciado a mudar o mundo por Charles Darwin, cientista que formulou a teoria da evolução das espécies. (TUBINO, 2006, p.15) Segundo Arnold, o esporte tinha três características: é um jogo, é uma competição e é uma formação educacional.

Do século XIX até os tempos atuais, às modalidades esportivas foram agregados novos valores e finalidades. Mas o espírito competitivo e a atribuição de atividade benéfica à saúde mental e física concebidas desde a Grécia Antiga, não mudaram.

2.2 – Origem do Futebol

País do futebol. Esse é o título dado ao Brasil por suas performances extraordinárias nos jogos internacionais e também por ser uma nação de onde saem grandes jogadores. Mas, apesar de ser um berço bastante propício, não foi aqui que essa modalidade esportiva nasceu.

Há quem diga que o futebol surgiu em 1863, quando foi fundada a Football Association (FA), na Inglaterra. No entanto, existem registros de que há quatro mil anos, chineses já jogavam partidas de um jogo bem parecido com o futebol. É o

que explicam Silva Vieira e Armando Freitas, no livro “O que é futebol – História, Regras, Curiosidades”.

Durante a dinastia do imperador chinês Huang-ti, uma das grandes diversões dos soldados era chutar os crânios dos inimigos derrotados. O objetivo? Fazer com que passassem entre dois bambus fincados no chão, separados por uma distância de 40 cm. Na falta de inimigos, ou talvez em busca de uma trajetória menos acidentada pelo terreno, os crânios aos poucos foram sendo substituídos por bolas de couro. O esporte, chamado de tsu-chu, teria sido inventado por Yang-Tsé, integrante da guarda do imperador, em 2197 a.C. (VIEIRA, FREITAS, 2006, p.12)

Já em meados do século XIX, o futebol começou a tomar conta das escolas inglesas, e então surgiu a necessidade de se estabelecer regras, formando assim a FA. Começava ali o nascimento de times vindos, em sua maioria, de classes trabalhadoras, e a prática profissional do futebol.

Segundo Vieira e Freitas, a primeira competição oficial de futebol foi organizada em 1871. Um ano depois, aconteceu o primeiro amistoso internacional da história, entre Inglaterra e Escócia. A partida terminou em 0 a 0.

2.2.1 O Futebol no Brasil

Charles Miller foi responsável por trazer o futebol para o Brasil. Em 1884, o brasileiro descendente de ingleses e escoceses, retornou de Londres trazendo consigo elementos fundamentais para a difusão da modalidade no país. Começava ali o que se tornaria a grande paixão do brasileiro.

Dentro de uma das malas, havia duas bolas de couro (da marca Shoot), uma agulha, uma bomba de ar, dois jogos de uniformes de times ingleses e um livro de regras. Na mais aceita das versões, por ser a única confirmada oficialmente, acontecia ali, naquele trivial desembarque, o pontapé inicial na história do melhor futebol do mundo. (VIEIRA, FREITAS, 2006, p. 21)

De acordo com Vieira e Freitas, o primeiro jogo de futebol de que se tem notícia no Brasil foi em abril de 1895. A partida foi realizada entre funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo.

Já o primeiro campeonato foi organizado em 1902, com cinco clubes participantes. Eles faziam parte da liga paulista. No mesmo ano começavam a nascer times no estado do Rio de Janeiro. A primeira seleção brasileira foi formada em 1914 pelos melhores jogadores do Rio e São Paulo. O time enfrentou a equipe inglesa Exeter City.

Era a estréia da seleção brasileira, que, usando um uniforme todo branco, venceu por 2 a 0, gols de Oswaldo Gomes e Osman, o amistoso disputado no dia 21 de julho, no estádio das Laranjeiras. No mesmo ano foi fundada a Federação Brasileira de Sports, que em 1916 passou a ser chamada Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Só em 1979, a CBD virou Confederação Brasileira de Futebol (CBF). (VIEIRA, FREITAS, 2006, p.25)

A partir daí o futebol foi se expandindo pelo Brasil. Atualmente ele é tido como “paixão nacional”, como afirma Luiz Henrique Toledo em “No país do futebol”.

Difícil imaginar, hoje, o Brasil sem o futebol. Igualmente difícil seria estabelecer uma única razão para a enorme projeção que este esporte conquistou em solo nacional. São os jogos profissionais que arbatam milhões, mas também os “varzeanos”, “soçaites”, “babas”, “peladas”, “rachas”, “bate-bolas” ou “futs” espalhados por todo o país. (TOLEDO, 2000, p.67 e 68)

Estima-se que hoje existam 200 milhões de praticantes de futebol no mundo e um público de quase dois bilhões de pessoas.

3- Jogos Olímpicos e Pan-americanos

3.1 – Brasil nos Jogos Olímpicos

O Brasil participou pela primeira vez dos Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1920, na Antuérpia, na Bélgica. Na ocasião o país foi representado por 21 atletas, todos homens, que competiram nas modalidades esportes aquáticos (natação, pólo aquático e saltos ornamentais), remo e tiro esportivo. Os brasileiros levaram para casa uma medalha de ouro, uma de prata e uma de bronze, ficando em 15º lugar no quadro geral de medalhas. (www.cob.org.br)

De lá para cá o Brasil só deixou de ser representado apenas nos jogos de Amsterdã, Holanda, em 1928. O país não teve recursos para enviar atletas à competição. Neste ano fora acesa a tocha dos jogos na Olímpia, Grécia, e transportada até a Holanda. Ao todo já foram realizadas 18 edições das Olimpíadas desde que o Brasil passou a participar. (www.cob.org.br)

3.1.1 – Brasileiras nos Jogos Olímpicos

A primeira mulher a participar de Jogos Olímpicos foi a nadadora Maria Emma H. Lenk Zigler, em 1932, em Los Angeles. A atleta também foi considerada a primeira latino-americana em Olimpíadas. Maria Lenk competiu nos 100m livre, 100m costas e 200m peito, mas não conseguiu se classificar. (www.cob.org.br)

Na edição seguinte dos jogos, em 1936, na Bélgica, a equipe do Brasil contou com a participação de seis mulheres, sendo que quatro dessas competiram na natação. A nadadora Piedade Coutinho ficou em quinto lugar nos 100m livre.

A primeira medalha olímpica conquistada por mulheres brasileiras foi em 1996, em Atlanta. A dupla de vôlei de praia Jacqueline Silva e Sandra Pires ganharam a medalha de ouro ganhando da também dupla brasileira Mônica Rodrigues e Adriana Samuel. Além disso, em Atlanta, as meninas do basquete ganharam medalha de prata e as do vôlei conquistaram o bronze. Começava ali a trajetória das grandes vitórias nos esportes femininos.

A edição com maior quantidade de brasileiras foi nas Olimpíadas de 2004, na Grécia. A equipe contou com 122 mulheres, que conquistaram duas medalhas de prata, ajudando o Brasil a ficar em 16º lugar no quadro geral de medalhas.

3.2 – Brasil nos Jogos Pan-americanos

O Brasil participa dos jogos Pan-americanos desde sua primeira edição, em 1951. A competição aconteceu em Buenos Aires, Argentina, e contou com a participação de 179 atletas brasileiros. Na ocasião a equipe brasileira ficou em 5º lugar no quadro geral, com cinco medalhas de ouro, 15 de prata e 12 de bronze.

Nas outras 14 edições do Pan realizadas até agora, a melhor classificação da Delegação Brasileira aconteceu dentro de casa. Trata-se dos jogos realizados em São Paulo, em 1963. O Brasil ganhou 14 medalhas de ouro, 20 de prata e 18 de bronze, perdendo apenas para os Estados Unidos no quadro de classificação. No entanto, o melhor desempenho das equipes brasileiras aconteceu em 2007, também em casa, no Rio de Janeiro, onde o Brasil ganhou 54 medalhas de ouro, 40 de prata e 67 de bronze.

Durante 15 dias, os 385 atletas do Brasil disputaram todas as modalidades. Os brasileiros, por sinal, fizeram bonito em casa. Embora não tenha ameaçado o primeiro lugar dos Estados Unidos, o Brasil ficou em segundo lugar no quadro de medalhas. Um dos destaques da campanha brasileira foi a seleção de futebol, que pela primeira vez conquistou a medalha de ouro. (www.cob.org.br)

3.3- Futebol feminino nos Jogos Olímpicos e nos Jogos Pan-Americanos

De acordo com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) as mulheres começaram a competir no futebol nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. O time brasileiro ficou em quarto lugar e as norte-americanas foram as campeãs. Nos jogos seguintes, em 2000, as norueguesas ganharam e em 2004 as brasileiras perderam para as americanas, ficando com a medalha de prata.

Já nos Jogos Pan-Americanos a primeira competição aconteceu em Winnipeg, em 1999. Na ocasião as americanas subiram no lugar mais alto do podium. Nas duas edições seguintes, em 2003 e 2007, o time feminino canarinho foi o grande campeão.

4- Futebol Feminino

4.1 – Origem

Ao contrário do que o senso comum imagina, o futebol feminino não é uma atividade dos tempos modernos, inspirada pelos movimentos atuais pró igualdade entre os sexos. O primeiro registro da história foi um jogo entre inglesas em 1895, segundo Vieira e Freitas. Mas as mulheres não puderam praticar o esporte por muito tempo, pois a Football Association as proibiu. Durante a Primeira Guerra Mundial as mulheres voltaram a campo, mas logo foram tomadas pelo machismo novamente e mais uma vez foram impedidas de jogar.

Nos primeiros anos, as inglesas ainda resistiram e disputaram algumas partidas no exterior. Outras equipes não-inglesas também tentaram manter acesa a chama, disputando amistosos e organizando torneios, mas sob o fogo cruzado do conservadorismo o futebol feminino logo perdeu novamente a força. E só ressurgiu quase cinco décadas depois, com a formação das primeiras ligas européias e da liga norte-americana na década de 1970. Daí para o aparecimento das seleções nacionais foi um passo. Foram organizadas então duas Copas do Mundo não-oficiais, ambas vencidas pelas dinamarquesas. Com novas equipes surgindo em vários países, o futebol entre mulheres voltava a ganhar espaço junto à mídia e ao público. (VIEIRA, FREITAS, 2006, p.53)

4.2- Surgimento do Futebol Feminino no Brasil

Os primeiros passos do futebol feminino no Brasil foram dados em 1921, em São Paulo, onde enfrentaram-se os times das senhoritas catarinenses e as senhoritas tremembeenses, conforme publicado no site www.clerioborges.com.br/ffeminino.html.

Já em 1935, foram realizados os Jogos Femininos do Estado de São Paulo, onde o futebol não fazia parte, de acordo com Ludmila Mourão e Marcia Morel, em *As narrativas sobre o futebol feminino, o discurso da mídia impressa em campo*.

No início da década de 1940, o governo ultrapassou todos os limites do bom senso e promulgou um decreto-lei (n. 3.199) do qual fazia parte o artigo 54, que

proibia as mulheres de praticar esportes “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Além do futebol, as mulheres foram proibidas de praticar boxe, rugby, pólo, water-polo, entre outras modalidades “não adaptáveis ao sexo feminino”. (MOURÃO, MOREL, 2005, p. 77)

Anos depois, em 1965, o Conselho Nacional dos Desportos (CND) voltou a dar instruções limitadoras às práticas femininas de esporte. Nesta resolução constava que as mulheres não poderiam praticar qualquer tipo de luta, futebol, pólo, alterofilismo e baseball. Esta decisão somente foi revogada no início da década de 80. (www.clerioborges.com.br/ffeminino.html)

De acordo com Vieira e Freitas, o time feminino pioneiro no Brasil foi o clube Radar, do Rio de Janeiro. Ele nasceu em 1980. Na mesma época surgiram times como o Internacional e o Vasco da Gama.

Segundo o site wikipédia, a primeira partida da seleção brasileira feminina de futebol aconteceu em 1956 contra os Estados Unidos. O Brasil perdeu por 2 a 0. Além disso, está registrado na página que a maior vitória do time até hoje foi contra a Bolívia, em 1995, com o placar de 15 a 0. A pior derrota aconteceu em 1999, quando perdeu por 6 a 0 dos Estados Unidos.

4.2.1- Futebol feminino hoje no Brasil

Atualmente o futebol feminino no Brasil ainda continua amador, com poucos times para compor competições. O que se houve falar é apenas da seleção brasileira, que em setembro chegou à final da Copa do Mundo de Futebol Feminino. As brasileiras enfrentaram as alemãs e perderam por 2 a 0. Assim, o time feminino assumiu o terceiro lugar no ranking da Federação Internacional de Futebol (Fifa). O time alemão está em primeiro lugar e o americano em segundo.

As jogadoras do Brasil também são donas de quatro das cinco taças já disputadas no Campeonato Sul-Americano Feminino. As brasileiras ganharam a competição em 1991, 1995, 1998 e 2003. Somente em 2006, última edição do campeonato, é que as campeãs foram as argentinas.

E é brasileira a melhor jogadora do mundo, segundo a Fifa. Marta, então com 20 anos, foi eleita em 2006 e é forte candidata a ganhar novamente em 2007. A atleta joga no Umea, na Suécia.

Empolgada com o desempenho nos Jogos Pan-Americanos deste ano, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) resolveu finalmente organizar um campeonato nacional entre equipes formadas por mulheres. Está previsto que os jogos comecem em 25 de outubro e terminem em 9 de dezembro. Participarão entre 18 e 22 times das cinco regiões do país.

5- Jornalismo Esportivo

5.1 – Jornalismo Esportivo no Brasil

O jornalismo esportivo é responsável por mostrar ao público todos e quaisquer assuntos que envolvam o esporte, seja por envolver o profissionalismo, seja por envolver trabalhos sociais. (PENA, 2005, p. 81)

O jornalismo esportivo é responsável por divulgar tudo o que acontece em relação ao esporte. O que vai desde o conceito de esporte como ferramenta de inclusão social até os noticiários especializados em modalidades esportivas de alto rendimento, onde estão condicionados aspectos como entretenimento e profissionalismo. Todo assunto de interesse da sociedade que envolva esporte é objeto do jornalismo esportivo. (PENA, 2005, p. 81)

Mas nesse tipo de cobertura jornalística é preciso ter cuidado com um fator muitas vezes incontrolável: a emoção. Ser imparcial nesse tipo de jornalismo é uma tarefa difícil, já que muitas vezes não é possível esconder a empolgação ou desânimo com uma derrota ou vitória.

No jornalismo esportivo não é exatamente muito fácil porque, permanentemente, existe uma tensão, que é a tensão entre o que é notícia, informação e emoção. É evidente que é impossível você fazer um jornalismo esportivo bem feito, se você não passar emoção. (KFOURI, 2001, p.137)

As primeiras publicações esportivas no Brasil começaram a surgir em 1910. Como exemplo disso tem-se o jornal Fanfulla, que circulava em São Paulo. Mas no começo deste século os jornais enfrentavam dificuldades e obstáculos para conseguir dar espaço às notícias esportivas. (COELHO, 2003, p.9)

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder

aquisitivo e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. (COELHO, 2003, p.9)

Nos anos 60 os cadernos de esporte começaram a surgir nos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo. (IDEM)

De todo jeito, a partir da segunda metade dos anos 1960, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão. Não quer dizer de alta ou baixa qualidade. A primeira depende muitas vezes da quantidade de profissionais indicados para trabalhar na área. (COELHO, 2003, p.9)

Como o esporte mais querido do começo do século era o remo, o futebol sofria preconceitos dentro da imprensa. Como Coelho se refere à opinião do escritor Graciliano Ramos:

Não que o escritor alagoano tivesse alguma coisa contra a bola jogada com os pés ou que fosse apaixonado pelo remo, o esporte mais popular do início do século. O que ele achava era que o que vinha de fora não poderia “pegar” com facilidade no Brasil. E nada mais inglês do que o futebol. Pelo menos do que o futebol jogado naquele tempo. (COELHO, 2003, p. 7)

No entanto, com o passar do tempo, o futebol (masculino) passou a ser o carro-chefe das editorias de esporte. E então chegou a vez do futebol feminino não ganhar espaço na imprensa ou, ainda, ser mencionado com discriminações e estereótipos. Mourão e Morel afirmam que na década de 1970 os títulos das matérias sobre o futebol feminino eram carregados de preconceitos:

Durante a década de 1970 e início da década 1980, o FF teve registro na mídia, sendo notícia nos jornais e revistas. Contudo, verifica-se nas manchetes o anunciar das desigualdades de gênero no futebol, por meio das narrativas da história delas no esporte: O futebol depois da louça lavada, Mesa tirada, rumo à praia para o futebol, Elas namoram, estudam e ainda jogam futebol. (MOURÃO, MOREL, 2005, p. 78 e 79)

Segundo Manoel Tubino, em *Função Social do Esporte*, a discriminação da mulher no esporte vem da cultura que a orientava para ficar em casa e o homem a ir ao trabalho:

As explicações mais plausíveis para esta discriminação contra a mulher no Ocidente, uma vez que este caso não ocorre nos países socialistas, são os valores culturais que orientavam a mulher para o casamento e para o lar, enquanto o homem, ao contrário, era preparado para o trabalho, e era ele que ia para as guerras. (TUBINO, 2001, p. 51)

5.1.1 – Jornalismo Esportivo nos dias atuais

Atualmente no Brasil existem revistas, programas de televisão e de rádio especializados em cobertura esportiva. Além disso, os principais jornais do país trazem editoria de esportes com pelo menos oito páginas diárias de notícias esportivas. As transmissões de jogos de futebol, competições nacionais e internacionais, e torneios de todas as modalidades interessam ao público.

Para aproveitar esse grande interesse das pessoas em assistir e saber notícias dos esportes, a mídia, como patrocinadora e apoiadora, passou a usar os eventos esportivos como forma de divulgar seus produtos e interesses. “O que é grave é ver o jornalismo transformado em negócio. (...) O que tem importância é o seguinte: ‘Olha, nós vamos lá para cobrir, de maneira tal que o nosso patrocinador se dê bem’”, ressalta o jornalista. (KFOURI, 2001, p.137)

No entanto, isso não faz parte do papel da imprensa. Ela, como propagadora dos interesses da sociedade deveria dar mais atenção àquilo que o telespectador/ouvinte/leitor deseja.

(...) O jornalismo esportivo deve tratar o torcedor como cidadão, a tratar o torcedor como consumidor. As pessoas, aliás, estão confundindo um pouco demais isso: tratar como consumidor como se fosse tratar como cidadão. Não, tratar como cidadão é um pouco acima do tratar como consumidor. (...) Em resumo, é pensar em fazer jornalismo levando em conta que na outra ponta está o cidadão. Seja ele torcedor de futebol, seja ele o eleitor, seja ele o consumidor de arte, seja ele o investidor na Bolsa de valores. (KFOURI, p.141,142)

Além disso, é importante grifar que as mulheres atletas passaram a ter mais atenção dentro dos meios de comunicação. Isso se deve às conquistas em competições e também em outras atividades da sociedade, como diz Manoel Tubino:

Nos dias de hoje, com a liberação da mulher, como consequência da descoberta da pílula anticoncepcional, e o ingresso definitivo da mulher como força de trabalho produtivo, o contexto das relações humanas mudou drasticamente, e também no esporte a mulher vai ganhando a sua luta contra mais este preconceito. (TUBINO, 2001, p. 51)

6- Análise da notícia: cobertura jornalística esportiva do Correio Braziliense

Este trabalho analisou a cobertura do caderno esportivo do jornal Correio Braziliense durante os Jogos Olímpicos de 2004, realizado em Atenas, e os Jogos Pan-Americanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro.

Por ser o jornal de maior circulação do Distrito Federal as publicações sempre trazem notícias dos principais times de futebol masculino da região, o Gama e o Brasiliense. Além disso, são publicadas colunas fixas como Gandula, Jogo Aberto, Tostão, Agenda, Loteca, entre outras. Para esta análise foram consideradas apenas as matérias e notas, desconsiderando as colunas fixas.

6.1- Análise quantitativa das notícias

6.1.1 Futebol masculino em destaque

Os Jogos Olímpicos de 2004 começaram no dia 13 de agosto e encerraram-se no dia 30 do mesmo mês. Durante este período, o Correio Braziliense divulgou **415** matérias e notas. Deste total, **124** publicações foram dedicadas ao futebol masculino no país, 33 ao vôlei, 19 ao basquete e 12 ao futebol feminino – o que significa dizer seleção brasileira. Somando o número de notícias sobre futebol, incluindo masculino e feminino, pode-se afirmar que o futebol feminino representa apenas 8% das matérias sobre essa modalidade.

Os jogos Pan-Americanos foram realizados do dia 13 ao dia 30 de julho de 2007. Neste período o jornal analisado divulgou **614** matérias e notas, sendo que **159** falavam sobre futebol masculino, 23 sobre basquete, 30 sobre natação, 25 sobre vôlei e 13 sobre futebol feminino – a seleção brasileira. Num universo de 172 matérias, somando aquelas sobre as equipes masculinas com as referentes à seleção feminina de futebol, pode-se afirmar que o Correio publicou apenas 7% de notícias sobre as meninas do futebol.

A partir deste resultado pode-se ter idéia de que não apenas o futebol é o principal conteúdo do caderno analisado, mas sim o futebol masculino. Leda Maria da Costa, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro afirma no artigo “Traduzindo o universo do futebol feminino” que as mulheres ainda não foram totalmente inseridas no universo futebolístico.

Assim nos tornamos “o país do futebol”. Mas é importante inserirmos um parêntese nessa afirmativa. Na verdade, somos o país do futebol (masculino). A configuração tanto simbólica quanto concreta dos espaços ocupados pelo futebol pertence, primordialmente, aos homens. É a partir do privilégio dado ao gênero masculino que construímos uma alicerce que sustenta a identidade que nos define e que constitui aquilo que acreditamos caracterizar nossa mais “autêntica” brasilidade. Sendo assim no processo de tradução, interpretação e incorporação do futebol em terras brasileiras as mulheres ficaram um pouco de lado e muitas vezes representadas como algo quase que incompatível com o futebol.

(www.filologia.org.br)

A filósofa e mestre em Ciências da Comunicação e diretora geral do Instituto Patrícia Galvão, Jacira Melo, diz que a mídia ainda não retrata a mulher como deveria:

Hoje, o protagonismo da mulher não está refletido na mídia. O protagonismo feminino é muito maior do que o que a mídia retrata. Os meios de comunicação de massa têm mostrado enorme dificuldade para entender como ator legítimo tudo o que escapa do tradicional, do poder político tradicional. (...) Em se tratando da mídia informativa, pode-se dizer que a mídia brasileira tem gênero e raça: é do gênero masculino e é branca.

(www.patriciagalvao.org.br)

6.1.2- Falta de espaço para as mulheres

Para o presidente da Associação Brasileira de Cronistas Desportivos (ABCD), Jorge Martins¹, que foi editor do caderno de esportes do Correio Braziliense

¹ Entrevista concedida pelo jornalista Jorge Martins à autora em setembro de 2007.

por 12 anos, o pouco espaço dado ao futebol feminino se deve à falta de competições em andamento no Brasil, o que leva o editor do jornal a ter outras prioridades.

As editorias trabalham de acordo com o alcance daquele determinado esporte. Então você pode até fazer uma escala: futebol em primeiro lugar, hoje o vôlei em segundo, terceiro o automobilismo, talvez, e quarto basquete, daí por diante. (...) Então geralmente o editor de esporte se reúne toda semana com o grupo dele e determina a cobertura daquele momento, o que tem na cidade, o que está acontecendo internacionalmente e nacionalmente em determinado esporte. O futebol feminino vem pecando no Brasil pela falta de apoio. Ele nunca teve apoio. Não é do futebol das meninas. O problema é que as competições são poucas; você só escuta falar de seleção feminina de futebol quando tem Pan-Americano, uma competição mundial como estamos tendo agora na China. E a cobertura então vai em cima. (MARTINS, 2007)

Na opinião da jogadora de futebol do Mackenzie/São Caetano, Maira Prioli², o futebol feminino ainda não tem grande visibilidade, principalmente nos meios de comunicação, por não despertar interesse financeiro, uma vez que a mídia vai atrás do que dá retorno de capital.

As mídias só reportam aquilo que dá retorno e o interesse da massa brasileira é o futebol masculino. Tanto é que esportes como vôlei, handball, pólo, atletismo, entre outros, só ficam em evidência quando há algum campeonato mais visado, pois aí sim a audiência aumenta. Isto é, o dinheiro que “entra” com essa audiência, faz valer a pena reportar esses outros esportes. (PRIOLI, 2007)

Além disso, Prioli afirma que a mídia está interessada em grandes espetáculos, em jogos bem organizados, o que ainda não acontece dentro do futebol feminino no Brasil. Segundo a jogadora, quando há um bom espetáculo, há interesse em divulgar.

A mídia irá reportar aquilo que for interessante, os famosos furos, por isso não adianta mostrarem um campeonato com times de diferenças técnicas discrepantes que sejam totalmente impossíveis de se assistir. Nenhuma mídia salva um campeonato ruim. A SPORTV, por exemplo, transmitiu as

² *Entrevista concedida por e-mail pela jogadora Maira Prioli à autora em setembro de 2007.*

finais do Campeonato Paulista Feminino Série B e foi sofrível, difícil mesmo de se assistir. Já a transmissão do Paulista A, foi um jogo, Santos e Jaguariúna, um jogo memorável. E isso resume tudo, o campeonato tem que ser bem embasado, sólido, com fases de classificação, eliminatórias, para ser mais competitivo, e, conseqüentemente, mais interessante para a audiência. (PRIOLI, 2007)

O editor do programa Globo Esporte no DF, da Rede Globo, Rogério Ippóliti³, enfatiza que o futebol feminino ainda não está nas capas de jornais tanto quanto o masculino por ser uma prática recente, com poucos títulos ainda. Além disso, o jornalista ressalta que é preciso o surgimento de ídolos para que a modalidade feminina se transforme em uma paixão nacional.

O futebol dos homens é pentacampeão mundial. E existe há muito tempo. O futebol das mulheres não existe há muito tempo e ainda carece de um resultado significativo para que se comece a aparecer com maior incidência na imprensa. (...) A partir do momento em que a seleção, ou o futebol feminino, começar a ter resultados, inevitavelmente ela começa a aparecer na imprensa. Mas há muita diferença entre o masculino e o feminino. Existe muita diferença de resultados, como eu disse o masculino é pentacampeão, o feminino ainda pode ser agora pela primeira vez campeão mundial; o futebol masculino existe há muito tempo e o feminino é uma coisa até certo ponto recente, se for fazer comparação com os homens. Outra coisa: a questão do ídolo. A partir do momento em que começarem a aparecer as grandes jogadoras a imprensa vai se voltar para isso. Existe uma grande jogadora que é considerada a melhor jogadora do mundo, que é a Marta, mas a Marta não joga no Brasil e também não tem esses times tão tradicionais no futebol feminino. Ela joga na Suécia. (IPPÓLITI, 2007)

O repórter do Correio Braziliense Daniel Brito⁴ esteve nesse ano no Rio de Janeiro fazendo a cobertura jornalística dos Jogos Pan-Americanos. Ele escreveu parte das matérias sobre a seleção feminina de futebol. No entanto, apesar de ter acompanhado de perto o bom desempenho das meninas nos jogos, Brito tem uma visão discriminatória ao dizer que o problema do futebol feminino é a diferença de nível técnico se comparado ao masculino:

³ *Entrevista concedida pelo jornalista Rogério Ippóliti à autora em setembro de 2007.*

⁴ *Entrevista concedida pelo jornalista Daniel Brito à autora em setembro de 2007.*

Primeiro precisa analisar o que existe de futebol feminino no Brasil. O que existe de futebol feminino no Brasil? Seleção Brasileira. O que mais? Um punhado de clubes em São Paulo que disputam a Copa São Paulo, a Copa do Interior, Jogos Abertos do Interior de São Paulo. Mas que tipo de notícia se tem disso aí? Pouca ou quase nada, né? Tem um grave problema no futebol feminino, na minha opinião, que é a diferença no nível técnico. Com a cobertura dos canais para transmissão de jogos de campeonatos espanhóis, italianos, inglês, o torcedor está se acostumando com o futebol de mais alto nível. E o futebol feminino pela força, pela diferença na força, ele é mais lento, ele é menos atraente, as pessoas não conhecem quem estão jogando. Então por causa disso, é difícil até se noticiar sobre futebol feminino. Então notícia que a gente tem de futebol feminino é quando a seleção joga, que é em Copa do Mundo – que está acontecendo na China agora -, jogos Pan-Americanos, que acabou de passar, e Olimpíadas. (BRITO, 2007)

Brito ainda ressalta que fez várias matérias sobre futebol feminino, mas elas só foram escritas por ter algum fato “pitoresco”, como ele mesmo afirma:

Uma goleira de 1,60m que pegou três pênaltis é um fato pitoresco; é uma notícia legal. Fizemos essa matéria. Depois fiz uma matéria de futebol feminino de um time só de homossexuais. Também mereceu destaque. Mas o futebol feminino não tem apelo, não tem leitor. É a mesma coisa que você colocar notícia de um esporte que não seja popular, como a vela. (BRITO, 2007)

Mesmo com a boa campanha das meninas do futebol durante as duas competições em análise, o Correio Braziliense publicou mais matérias e notas sobre os times e seleção de futebol masculinos. As crises corriqueiras nos clubes, contratações e demissões foram consideradas mais importantes do que as medalhas de prata e ouro conquistadas pelas mulheres nos jogos internacionais.

6.2 – Análise qualitativa do material

6.2.1- Diversidade de assuntos

Já que o material analisado foi produzido durante duas competições envolvendo várias modalidades esportivas, ele é composto de matérias e notas

sobre diversos esportes como atletismo, iatismo, ginástica, tênis, basquete, vôlei. Além disso, muito foi escrito a respeito dos acontecimentos do dia-a-dia nos dois campeonatos.

O caderno em questão também publicou notícias sobre os campeonatos que aconteceram simultaneamente aos jogos, como Campeonato Brasileiro e Grande Prêmio da Europa de Fórmula 1.

Das 12 páginas publicadas diariamente sobre esporte, no mínimo duas eram exclusivamente dedicadas às atividades do futebol masculino brasileiro. De acordo com Coelho, esse grande espaço dedicado ao futebol só começou a ser conquistado a partir dos anos 40, com as colunas de Mario Filho e Nelson Rodrigues. Antes o espaço dado à modalidade era pequeno.

Mario Filho era o irmão mais velho de Nelson. Não dizia com todas as letras, mas era rubro-negro de coração. Torcedor do Flamengo doente, mas capaz de relatos de incrível emotividade com ídolos de outros times. Foi ele o fundador do Jornal dos Sports, no início dos anos 30, na mesma época em que o futebol ganhou de vez a cara de profissional. (...) Os jornais cariocas acompanharam tudo como puderam. Com pouco espaço e dando mais destaque ao que acontecia dentro de campo do que à briga política entre todos os times. Isso até a pacificação, em 1937, quando entrou na moda o melhor estilo carioca de divulgar o futebol. (COELHO. 2003, p. 15)

6.2-2- A jogadora de futebol no Correio Braziliense

Das 25 matérias publicadas sobre o futebol feminino durante os Jogos Olímpicos de 2004 e o Pan-Americano de 2007, grande parte foi positiva ou neutra. Foram encontradas apenas três notícias contendo aspectos negativos ou discriminatórios, todas durante a cobertura jornalística dos jogos Pan-Americanos:

- 1) **Fácil demais:** a matéria fala da estréia da seleção nos jogos pan-americanos. O jornalista afirma que a vitória em cima do time uruguaio por 4 a 0 foi fácil, insinuando no texto que as brasileiras ganharam porque as uruguias eram fracas. (CORREIO BRAZILIENSE, 13 de julho)
- 2) **Brasileiras contra jamaicanas:** o jornalista critica o comentário do técnico da seleção feminina, Jorge Barcelos, ao escrever o que o comandante do time falou: “ para atrair o torcedor, ele usa um argumento curioso e polêmico – o

jogo das meninas tem muitas semelhança com o futebol dos anos 60 e 70.”
(CORREIO BRAZILIENSE, 14 de julho)

- 3) Revanche olímpica:** já na primeira linha desta matéria, no lead, verifica-se a discriminação de gênero e preconceito: “Futebol nos Jogos Pan-Americanos virou coisa de mulher”. (CORREIO BRAZILIENSE, 26 de julho)

As matérias positivas e que expuseram os problemas do futebol feminino no Brasil também merecem grifo, como a publicação do dia 21 de agosto de 2004: “A classificação das brasileiras também mantém viva a esperança do primeiro ouro olímpico do futebol nacional. A equipe masculina, apesar de tantas glórias internacionais, jamais conseguiu a façanha.”

A reportagem publicada dois dias depois elogiou a equipe feminina e ainda destacou que no país pentacampeão as meninas não tem apoio para jogar futebol:

O poderio da ofensiva brasileira é invejável. (...) O futebol feminino é ignorado no país pentacampeão. Boa parte das jogadoras do escrete sequer tem clube. (...) Mesmo após os bons resultados em Atenas e Sydney, mesmo após o ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo 2003, que se mostraram insuficientes para alavancar o esporte no país, as garotas ainda sustentam o discurso de que uma conquista olímpica, ao menos de um bronze, deve transformar o esporte. Pode ser. (CORREIO BRAZILIENSE, 23 de agosto de 2004)

A matéria do dia 26 de agosto de 2004 ainda foi mais positiva:

Será um título que os homens, apesar de pentacampeões mundiais, ainda não têm. O mérito, caso a medalha venha, será maior porque o futebol feminino não tem nenhuma estrutura, nenhum apoio. No Brasil, nem sequer há campeonato regular. (CORREIO BRAZILIENSE, 23 de agosto de 2004)

Na visão do técnico do time feminino Cresspom (DF), Adélio Santos Júnior⁵, a ajuda da imprensa seria muito bem-vinda não apenas para o crescimento do futebol feminino, mas também como ação social:

Na realidade estariam ajudando, fazendo um trabalho social. E quantas pessoas de famílias pobres estariam com uma condição melhor de vida com o crescimento do futebol feminino? Por exemplo, da mesma forma como o futebol masculino teve aqueles que saíram de lugares e hoje são astros, o feminino poderia também. A própria Marta você vê, passou dificuldades e depois foi para o Vasco da Gama e hoje é uma referência para o futebol feminino. Acho que a imprensa poderia fazer esse lado social, e não apenas o lado capitalista. Deveria pensar que o esporte ainda não dá retorno, não dá público, mas com a falta de investimento dela, acho também que as coisas só pioram, porque sabemos que a imprensa é muito importante. (JÚNIOR, 2007)

⁵ *Entrevista concedida pelo técnico de futebol Adélio Santos Júnior à autora em outubro de 2007.*

7- Conclusão

Não há como fugir: o futebol é o esporte mais divulgado, difundido e admirado no Brasil. Poucos podiam imaginar que o esporte iria ser essa febre que é hoje quando Charles Miller o apresentou aos brasileiros. Hoje a modalidade pára o país durante os jogos da Copa do Mundo. A emoção faz com que as pessoas se entreguem à festa, saiam às ruas para comemorar e torcer.

Este trabalho buscou identificar se todo o interesse que o futebol desperta é igual quando se fala em partidas jogadas por mulheres. A análise comprovou que o espaço dado às mulheres que jogam futebol não é o mesmo que aquele concedido aos homens. E o que é pior: essa disparidade acontece, ainda, em grandes competições esportivas onde as brasileiras são favoritas ao título.

A constatação foi feita a partir do momento em que verificou-se que de 136 matérias sobre futebol publicadas durante as Olimpíadas, somente 12 falavam das mulheres. Já nos Jogos Pan-Americanos, das 172 reportagens, apenas 13 diziam respeito à prática feminina.

A explicação para tal situação pode ser encontrada na falta de apoio às meninas. Como consequência, elas não possuem grandes torneios organizados e assim não chegam a ser protagonistas de grandes coberturas jornalísticas. No entanto, não é justo que diante de grandes conquistas das meninas, como a prata olímpica e o ouro pan-americano os jornais continuem dando os mesmos acontecimentos de sempre, que ocorrem nos campeonatos regionais e brasileiro de futebol masculino. Enquanto os homens estão brigando para comprovar um doping aqui ou uma má arbitragem ali, as mulheres estão tentando subir no topo do futebol feminino, sem apoio, sem estrutura, apenas com força de vontade.

Tamanha é a diferença entre os dois mundos do futebol que os fatos chegam a ser bizarros. Enquanto, por exemplo, o jogador Vagner Love perdia um brinco de R\$ 100 mil num treinamento, as jogadoras do Cresspom, em Brasília, trabalham o dia inteiro e recebem apenas vales-transporte para poder treinar e representar a cidade na Copa do Brasil.

O jornalismo não tem que dar uma “mãozinha” para que o futebol feminino se expanda e ganhe apoio. Não é papel da imprensa fazer com que determinados tipos de esporte ou práticas cresça, conforme afirma o editor do Globo Esporte no DF, Rogério Ippóliti:

Não existe “mãozinha”. A imprensa não está ali para fazer esse tipo de ajuda, senão ela vai ter que fazer esse tipo de ajuda para todos os demais esportes que são considerados amadores e que não tem a mesma inserção que tem o futebol, o voleibol. (...) Não tem como você inverter uma ordem natural do que é considerado um fato jornalístico. Fato jornalístico é aquele que você já tem algum ponto para pegar. Então vamos tentar ajudar a seleção brasileira feminina quem sabe a chegar a esse ponto. Não é a imprensa que é responsável por esse desenvolvimento. É o próprio que vai ter que se desenvolver pelas próprias pernas para depois a imprensa fazer esse tipo de coisa. (IPPÓLITI, 2007)

No entanto, mesmo sabendo que não é papel da imprensa, ela, como instrumento importante de disseminação da informação, precisa prestar atenção em tudo que acontece e não só naquilo que é rentável. As grandes competições são importantes, o futebol masculino, que é pentacampeão, é importante, mas e o resto? Não merecem importância porque são mais recentes e porque ainda não foram cinco vezes campeões mundiais?

Quando o futebol foi trazido ao Brasil ele sofreu sério preconceito por parte da sociedade, escritores e jornalistas. Isso porque a paixão nacional na época era o remo. Conseqüentemente o “novo” esporte enfrentou dificuldades para ser aceito, difundido e apoiado. Mas ao longo dos anos foi criando seu espaço e hoje em dia é tratado como se fosse uma linguagem universal; uma atividade que une nações e povos. E a mídia teve participação importante nesse crescimento do chamado “esporte bretão”. No entanto, ainda temos veículos de comunicação conservadores que parecem não estarem dispostos a dar espaço à versão feminina dessa modalidade, mesmo com toda a graça e técnica que as meninas têm apresentado.

Se os responsáveis pelo esporte no Brasil prestassem mais atenção nos esportes em crescimento e com grande potencial, talvez haveriam páginas mais justas nos jornais esportivos. É preciso que o governo apóie também o futebol feminino e deixe de lado a discriminação que já foi, de certa forma, reduzida, mas que acompanha essa modalidade desde o começo do século. Só assim as meninas

que tem a verdadeira paixão pelo futebol poderão mostrar que o esporte é coisa para mulher sim, já que todo ser humano é capaz de fazer qualquer coisa, desde que tenha respaldo, vontade e paixão.

Mas, se está difícil deixar de lado preconceitos e a falta de vontade, que pelo menos desconstruam a imagem feita ao longo de tantas copas do mundo e de tradicional formação de ídolos do futebol. Se é para continuar sendo chamado de “Brasil, o país do futebol” que ao menos acrescente o gênero. Passe então, por favor, a assumir de vez, sem camuflagens, a postura de “Brasil, o país do futebol **masculino**”.

8- Referências

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COMITÊ Olímpico Brasileiro. Disponível em: <<http://www.cob.or.br>> Acesso: em 17 set. 2007.

COSTA, Leda Maria. **Traduzindo o universo do futebol feminino**. Disponível em: <www.filologia.org.br > Acesso: em 25 set. 2007.

DUARTE, Orlando. **História dos esportes**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2004.

FERREIRA, BUARQUE DE HOLANDA, AURÉLIO. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 1986.

FREITAS, Armando; VIEIRA, Silvia. **O que é futebol?** Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2006.

KFOURI, JUCA. **Jornalismo Esportivo: uma visão crítica. Espaços na mídia: história, cultura e esporte** (organização Alberto Dines). Brasília: Banco do Brasil, 2001.

MELO, Jacira. **A Perspectiva de Gênero e Raça na Mídia**. Disponível em: <www.patriciagalvao.org.br > Acesso: em 8 out. 2007.

MOREL, Márcia; Mourão, Maciel. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências e Esporte**, v.26, n.2, jan. 2005.

PENA, FELIPE. **1000 perguntas: jornalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2005.

TOLEDO, Luiz Henrique. **No País do Futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

<<http://www.clerioborges.com.br/ffeminino.html>> Acesso: em 18 set. 2007.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_de_Futebol_Feminino> Acesso: em 15 out. 2007.

9- Apêndices

9.1- Apêndice A

Entrevista – Monografia I/ Jorge Martins - Presidente da Associação
Brasiliense de Cronistas Desportivos (ABCD)

1) O futebol é o carro-chefe da editoria de esporte. Pensando nisso, por que então a prática feminina ainda não tem um espaço dentro dessa editoria?

Veja bem, as editorias trabalham de acordo com o alcance daquele determinado esporte. Então você *pode fazer até uma escala: futebol em primeiro lugar, hoje o vôlei em segundo, terceira automobilismo, talvez, e quarto basquete, daí por diante. Futsal crescendo. Então geralmente o editor de esporte se reúne toda semana com o grupo dele e determina a cobertura daquele momento, o que tem na cidade, o que está acontecendo internacional e nacional em determinado esporte. O futebol feminino ele vem pecando no Brasil pela falta de apoio. Ele nunca teve apoio. Não é do futebol das meninas. O problema é que as competições são poucas; você só escuta falar de seleção feminina de futebol quando tem Pan-americano, uma competição mundial como estamos tendo agora na China. E a cobertura então vai em cima. Não foi por causa da vitória da seleção no Pan-americano. Porque antes ela sempre recebeu esse apoio da imprensa nesses momentos. Mas daí ela sai do cenário subitamente porque não tem uma competição, não tem uma programação, não tem um calendário. Então nós estamos torcendo para que isso aconteça no Brasil, essa consciência nacional de apoiar mais o futebol feminino porque passa a ter um calendário. Os clubes, por exemplo, não dão atenção ao futebol feminino, são raros os clubes. Então agora, com a vitória no Pan-americano, com a participação no mundial, com essa menina, a Marta, que joga muito mais do que muito barbudo por aí, eu acho que nós estamos chegando a um ponto em que não haverá jamais um retorno negativo. Acho que o momento de se explorar o futebol feminino é esse que está aí. Muitos clubes já estão sabendo disso. Fiquei sabendo que no interior de São Paulo algumas já estão profissionalizando. No Rio de Janeiro também soube que dois, um parece que em Volta Redonda e outro em Petrópolis, um grupo alemão parece que é dono. Já estão formando essas equipes lá profissionalmente. Vão fazer*

um campeonato mais amplo esse ano, no Rio também. E em Brasília uma boa notícia também: foi aprovado na Câmara Legislativa projeto que determina que nos jogos do próximo campeonato brasileiro 2008 as preliminares sejam obrigatoriamente jogadas pelas equipes femininas. Isso é muito bom para o futebol feminino. Vai deslanchar também aqui em Brasília.

2) O senhor não acha que existe um certo preconceito por parte dos cadernos de esporte? Porque por mais que o futebol feminino não esteja em evidência porque as equipes não têm apoio. Por exemplo, o Brasil pára para assistir a Copa do Mundo. E agora estamos em Copa do Mundo Feminina, na China, e você abre um caderno de esportes do Correio Braziliense e não tem uma nota sobre o assunto. E é a competição mais importante do futebol.

Eu não acho que a gente possa denominar isso de preconceito. Não creio que seja por aí. Eu tenho acompanhado muito a televisão e a rádio e elas têm dado uma seqüência boa. O jogo do Brasil ontem me parece que foi adiado, não sei se isso foi motivo para não ser noticiado no Correio. Eu creio de qualquer maneira a partir do Pan-americano, não houve preconceito porque no Pan-americano você que como existiu um campeonato que interessava diretamente ao torcedor, a torcida lotou o Maracanã. A torcida provou que sendo um bom espetáculo ela está presente. Mas precisa haver uma divulgação mais ampla, maior e aquilo que me reporto ao calendário nacional. Eu acho que tem que começar por uma competição de âmbito nacional, por exemplo um campeonato brasileiro. Nós já tivemos no ano passado. Porque o campeonato regional nunca tem a mesma profundidade. E o futebol feminino está precisando agora, assim como outros esportes até mesmo na área masculina, é de um apoio mais maciço, efetivo e constante. E esse campeonato estadual dificilmente vai conseguir essa façanha de tornar o futebol feminino mais divulgado. Tem que se partir para o profissional, voltar àquela época do torneio Rio/São Paulo, são duas praças muito bairristas, e começar daí. A pena de você falar num campeonato estadual feminino você tem razão. Acho que merece todo apoio, acho que o momento é propício para isso. Porque acontece com o futebol feminino a mesma coisa que aconteceu com o futebol masculino: as grandes estrelas do futebol feminino estão no exterior. Os grandes astros do futebol masculino estão no exterior.

Enquanto não houver uma política eficiente nessa área, isso já não diz respeito aos clubes, talvez ao país, problema de moeda, situação do mercado, é muito difícil. Mas acho que devagarzinho o futebol feminino está começando a ter seu lugar ao sol. Já deveria estar há muito mais tempo. Talvez tenha sido uma fala do jornal, não vi os outros, mas na TV Globo eu vi.

3) O senhor não acha que a imprensa poderia ser uma “mão” para dar um empurrão nesse crescimento do futebol feminino?

Você tem razão em tudo que fala a partir desse momento. Mas veja bem, acho que enquanto o país – e eu coloco o governo federal nesse negócio, não é só o governo estadual – enquanto não houver um investimento da área federal, afim de que essa jogadora possa ficar também no Brasil, ainda mais que não é uma área que não está bem profissionalizada ainda, pode haver liberação de recursos destinada a segurar a nova safra que está surgindo no futebol feminino, dificilmente elas vão continuar no Brasil. Então esse êxodo reduzir o potencial do futebol feminino que já acontece no outro. O outro só não morre porque é uma paixão que está embutida no torcedor do país. Porque senão fosse essa paixão do torcedor, que passa de pai para filho, e ela começou no futebol masculino, nós podemos dizer também que de uma maneira geral o futebol para nós está morrendo. Pela quantidade de torcedores nos estádios, pela violência reinante no país, quer dizer, uma série de circunstâncias também negativas. Mas eu acho que como não há uma profissionalização adequada do futebol feminino, se poderia começar por aí. Tentar evitar que aconteça no futebol feminino o que aconteceu no futebol masculino. Porque não deixa de ser uma paixão. Se você fizer bons espetáculos, terá bom retorno. Tem televisão aí em São Paulo que está fazendo o campeonato feminino. Por que? Porque o governo estadual está ajudando, o governo municipal ajuda essas equipes na formação, na manutenção. E nós não vemos isso acontecer no país inteiro. É lamentável. Te falei o caso de Petrópolis e Volta Redonda, mas também são exceções. Me parece que o Rio Grande do Sul também começou agora. Mas a imprensa de uma maneira geral, a imprensa esportiva, não pode ser responsabilizada porque falta matéria. Mas de uma maneira geral o pessoal vem dando uma boa cobertura. E nossa expectativa é que tenhamos aqui no Mane Garrincha jogos do campeonato feminino como

aperitivo da partida principal porque vai acostumando o torcedor também nessa área do futebol feminino. E aqui temos boas jogadoras. Tivemos aqui uma boa safra que foram jogar em outros estados porque não temos aqui essa cultura formalizada aqui.

9.2- Apêndice B

Entrevista – Monografia II / Daniel Brito - Repórter do Correio Braziliense

1) O futebol é o carro-chefe da editoria de esportes, concorda comigo? Você foi cobrir o Pan 2007, eu queria saber a respeito do espaço que o Correio Braziliense dá para a seleção de futebol feminino. Por exemplo, no Pan elas estavam em destaque, então apareceram muito. Então por que isso, só aparecem quando estão perto de uma grande competição ou quando estão em destaque?

Sim, sim. Bom, primeiro precisa analisar o que existe de futebol feminino no Brasil. O que existe de futebol feminino no Brasil? Seleção brasileira. O que mais? Um punhado de clubes em São Paulo que disputam a Copa São Paulo, a Copa do Interior, Jogos Abertos do Interior de São Paulo. Mas que tipo de notícia se tem disso aí? Pouca ou quase nada, né? Tem um grave problema no futebol feminino, na minha opinião, e não sei se estou atropelando algumas respostas, que é a diferença no nível técnico. Com a abertura dos canais para transmissão de jogos de campeonatos espanhóis, italianos, inglês, o torcedor está se acostumando com o futebol de mais alto nível. E o futebol feminino pela força, pela diferença na força, ele é mais lento, ele é menos atraente, as pessoas não conhecem quem estão jogando. Então, por causa disso, é difícil até se noticiar sobre futebol feminino. Então notícia que a gente tem de futebol feminino é quando a seleção joga, que é em Copa do Mundo – que é esta que está acontecendo na China agora -, jogos Pan-americanos – que acabou de passar, e Olimpíadas. Ela joga também a cada dois anos, se não me engano, ou três, os campeonatos Sul-americanos. Hoje já existe campeonato Sul-americano sub-20, sub-17 e o próprio responsável pelo futebol feminino na Confederação Brasileira de Futebol, CBF, me falou nos jogos Pan-americanos que para arrumar uma seleção sub-17 é muito difícil. Onde você vai encontrar jogadoras de 16 jogando futebol? É muito difícil encontrar gente, formar equipes profissionais para jogar um campeonato de futebol feminino. Então quando a seleção está em destaque é porque o evento realmente merece destaque. Mas um amistoso na Suécia, ou um amistoso qualquer. Aí a gente já... A não ser que aconteça um fato pitoresco como 10 a 0, oito gols de bicicleta, essas coisas, aí sim vai ter destaque.

Mas a seleção feminina realmente ela não, jamais terá o mesmo destaque da seleção masculina, pelo menos por enquanto.

2) Você acha então que não existe preconceito nenhum?

Não, não. Não é questão de preconceito. É diferença técnica mesmo. Por exemplo, se você observar o vôlei feminino, a rede é mais baixa que no vôlei masculino. No basquete, a cesta é mais baixa que no basquete masculino. No futebol, o gol é exatamente do mesmo tamanho. Mulher não é tão alta quanto o homem. O goleiro pode ter 1,91m, que é o caso do Dida. A goleira mais alta do futebol brasileiro tem 1,80. Mulher que tem 1,91 quer ser modelo ou quer jogar vôlei. Por isso que homem assistindo futebol feminino às vezes fica um pouco agoniado porque vê que os gols saem com muita facilidade, por causa de diferença no gol. Essa é a principal diferença no futebol feminino. Outra coisa: as mulheres não correm tanto quanto os homens. Isso é comprovado cientificamente. Você vê nas provas dos 100m rasos, que o recorde masculino é totalmente diferente do recorde feminino, pelo menos dois segundos. E em um nível um pouco mais abaixo de velocidade, de força, no caso do futebol, uma mulher magra sempre vai levar vantagem sobre a zagueira. Geralmente zagueiras, zagueiros, no masculino também, são mais pesados do que as atacantes.

3) Mas por exemplo: você está numa reunião de pauta com seu editor. E você tem lá um jogo de futebol feminino. Ele não entra porque não tem critério de noticiabilidade? Aquilo não é uma notícia?

É, não tem apelo. Aí eu já fiz várias matérias de futebol feminino. Vou te citar aqui: eu fiz por exemplo, o time da Ceilândia foi campeão brasiliense em 2004. Uma goleira de 1,60m que pegou três pênaltis. É um fato pitoresco, é uma notícia legal, fizemos essa matéria. Depois fiz uma matéria de futebol feminino de um time só de homossexuais. Também mereceu destaque. Mas o futebol feminino não tem apelo, não tem leitor. É a mesma coisa que você colocar notícia de um esporte que não seja popular, como vela.

4) Ele se enquadra no esporte amador né?

Ele entra no noticiário de futebol, mas aí já é um futebol mais amador.

5) Então para o futebol feminino ter um espaço na mídia ele precisa de mais nível técnico?

Precisa de mais investimentos. Uma coisa puxa a outra. A partir do momento que tem investimento a equipe vai se tornar profissional, vai ter jogadoras de maior qualidade, vai ter gente que vai querer acompanhar essas jogadoras de qualidade, e as pessoas que vão acompanhar essas jogadoras de maior qualidade porque tem investimento, porque ela é profissional, vão ler as notícias no jornal. Uma coisa puxando a outra. Enquanto o futebol feminino estiver nesse nível que se encontra hoje no Brasil, ele vai merecer sempre esse espaço: seleção brasileira.

6) E por que você acha que a seleção e os outros times de meninas não tem apoio de patrocinador? Não teve uma história que para jogar o Pan a patrocinadora, a Nike, não quis nem dar a camisa?

Não, não. Porque quem é seleção brasileira está sob a tutela da CBF, então a CBF banca todas as seleções brasileiras, desde a sub-15 masculina até a feminina. Impossível isso ter acontecido. Até porque a Nike banca a maioria das seleções de futebol feminino também. Mas é igual eu te falei, é a falta de nível técnico mesmo. Até para você encontrar, onde você convive, quantas meninas/mulheres você conhece que gostam de jogar futebol? É muito difícil mulher gostar de jogar futebol. Quem gosta muitas vezes é marginalizada. O próprio futebol feminino está sendo visto de outra maneira ainda. Não está sendo visto como um esporte como é o vôlei feminino, o basquete feminino que é um esporte de tanta força quanto o futebol, talvez até um pouco mais do que o futebol porque tem muito contato físico. Por isso que ainda não se desenvolveu tanto. Aí fica aquela promessa, você deve ter visto, recentemente a gente noticiou, que a Caixa Econômica Federal iria bancar uma liga profissional de futebol feminino no Brasil. Já teve essa tentativa, não com o apoio do governo, mas os clubes. O São Paulo já teve time, o Flamengo, o Botafogo, o Palmeiras, o Corinthians, a Portuguesa, a Ponte Preta, o Bahia. Eles tinham time

feminino, mas aí não vendia, não ia gente para o estádio, não conseguia agregar tanta gente quanto o masculino. Faltava tradição. Se fizer um time feminino hoje, com 20 anos a menina vai embora também para jogar na Suécia, onde o futebol feminino está bem desenvolvido. Na Suécia, Dinamarca, Noruega, Alemanha, Espanha. Estados Unidos tinha uma liga profissional muito forte, muito boa que acabou porque não tava dando público. O esporte que mais pratica entre as mulheres, isso precisa ser comprovado numericamente, nos Estados Unidos de 15 a 28 anos, é o futebol.

7) Você acha que tem chance de um dia o futebol feminino ser tão assistido, tão divulgado e tão querido no Brasil como o masculino é?

Nos próximos 10 anos não. Eu vejo uma pontinha lá no final do túnel que é a Marta, que é uma jogadora muito boa. E aí entra na história do carisma do jogador, do profissionalismo. Ela é a maior jogadora do mundo, joga como homem, tem habilidade. A Marta joga muito bem, ela se destaca das demais, pela velocidade, pela habilidade, pela visão de jogo, por entender de futebol, entender de esquema tático, de saber distribuir jogadas, saber fazer o time funcionar em torno dela. Nos jogos Pan-americanos, onde eu estava cobrindo futebol feminino, era ela que atraía 60 mil pessoas. Foi o maior público do futebol feminino no Brasil. O maior público do futebol feminino no mundo foi na final da Copa do Mundo de 1999, nos Estados Unidos, no jogo entre Estados Unidos e China.

8) Você acha que a Marta não tem nível?

Sim, mas ela não tem força. Se colocar ela para jogar com os homens... Eu acho ela sensacional. Ela joga melhor do que eu, que não jogo nada. É igual você colocar uma mulher para lutar Karatê com um homem do mesmo peso. É como o futsal, que é o esporte mais praticado no Brasil porque em cada escola pública tem uma quadra. Tem uma liga profissional de futebol de salão mas ninguém sabe que existe. Sabe sabe, mas não acompanha. Tem um time que está ganhando tanto quanto o São Paulo, mas ninguém sabe. Sabe por causa do falcão que fica fazendo embaixadinha, fazendo aqueles negócios de foca. Então acho que o futebol feminino tem que

procurar o espaço dele. Não vai ter o mesmo espaço que o futebol masculino, mas ele pode estar ali entre o intervalo do futsal e o futebol masculino. Até porque também existe futsal feminino, mas aí o Brasil é muito fraco.

9.3- Apêndice C

Entrevista – Monografia III / Rogério Ippóliti – Editor do Globo Esporte DF

1) O futebol é o carro-chefe do seu programa? É prioridade?

Não, nunca vou dizer que é carro-chefe. Eu sempre tento dar espaço para todas as modalidades esportivas. Mas é óbvio que a gente está num país que se vive futebol como nenhum outro esporte. Isso não quer dizer que os outros esportes não vão entrar. Muito pelo contrário. Eu tento na medida do possível dar espaço a todas as modalidades esportivas, principalmente as amadoras. Eu costumo diferenciar: o futebol está de um lado e as demais modalidades esportivas estão em outro lado. Então eu tento fazer uma balança, dar um equilíbrio nessa cobertura. Agora não dá para você deixar, nesse caso de Brasília, de estar fazendo uma cobertura mais sistemática de Gama e Brasiliense que estão no campeonato brasileiro de futebol e pode ser que um desses times subam para a primeira divisão, para a elite do futebol brasileiro. Pode ser que eles entrem com uma incidência maior do que os demais esportes, mas não como se fosse um carro-chefe por que isso poderia estar passando uma impressão de que ele seria mais importante do que os demais esportes. E para mim não é de forma alguma.

2) Você falou que a gente vive no país do futebol. A gente vive no país do futebol ou no país do futebol masculino? Por que a seleção brasileira de futebol feminino e os demais times, que são poucos, de meninas jogando futebol não têm ainda o mesmo espaço que os homens dentro dos meios de comunicação?

O futebol dos homens é pentacampeão mundial. E existe há muito tempo. O futebol das mulheres não existe há muito tempo e ainda carece de um resultado significativo para que se comece a aparecer com maior incidência na imprensa. A gente está vivendo numa situação atual em que se a seleção feminina de futebol conquistar o mundial, ela já vai subir um degrau para que a imprensa comece a ter uma atenção maior para o futebol feminino. Então quer dizer, é aquela coisa do resultado. A partir do momento em que a seleção, ou o futebol feminino, começar a ter resultados,

inevitavelmente ela começa a aparecer na imprensa. Mas tem muita diferença entre o masculino e o feminino. Tem muita diferença de resultados, como eu disse o masculino é pentacampeão, o feminino ainda pode ser agora pela primeira vez campeão mundial, o futebol masculino existe há muito tempo e o feminino é uma coisa até certo ponto recente, se for fazer comparação com os homens. Outra coisa: a questão do ídolo. A partir do momento em que começarem a aparecer as grandes jogadoras a imprensa vai se voltar para isso. Existe uma grande jogadora que é considerada a melhor jogadora do mundo, que é a Marta, mas a Marta não joga no Brasil e também não têm esses times tão tradicionais no futebol feminino. Ela joga na Suécia. Então fica mais difícil ainda você ter esse chamariz para o futebol feminino, porque ela não está aqui, ela está na Europa. Então é uma questão de tempo e também de resultados. Se a seleção brasileira começar a ter esses resultados e começarem a aparecer esses ídolos, a imprensa aos pouquinhos começará a ter uma cobertura mais sistemática. Outra coisa importante: não existem muitos times femininos. Os campeonatos femininos que existem eles não têm o mesmo apelo que têm os masculinos. Apelo em que sentido? No sentido de que não se vai tanto torcedor ao estádio. Conseqüentemente os times não podem ter dinheiro para investir, para fazer contratação, para manter essas equipes. Então são realidades muito diferentes por isso que existem essa diferença muito grande entre um e outro.

3) Mas o que você acha que está faltando para ter mais times de futebol feminino? É apoio, interesse da mulher, o que na sua opinião está faltando?

Historicamente é um esporte masculino. É muito recente a história do futebol feminino no Brasil. E toda vez que se começa, se começa aos poucos. Se começa com uma situação pequena, e se houver isso de aparecer os ídolos e se houver resultados, conseqüentemente vai aparecer patrocínio. As empresas vão se acostumar a investir, a colocar dinheiro no futebol feminino e aí conseqüentemente a imprensa vai junto. Porque vai aparecer esses resultados. Se você ver, por exemplo, a história do vôlei na década de 60, 70. Era um esporte que não tinha tanta visibilidade assim. A partir do momento que houve uma seleção, na década de 80 que começou a aparecer com ídolos, com resultados, a história do vôlei se modificou. Também com uma boa administração, porque daí soube se pegar esses

atletas, esses ídolos e começaram a se fazer times fortalecidos e daí o vôlei começou a se fortalecer. Então o futebol feminino pode se encaixar, da mesma forma como qualquer outra modalidade esportiva, na história do voleibol. Hoje ela tem uma realidade. Agora, se houver desenvolvimento, com todos os fatores que citei agora há pouco, quem sabe o futebol feminino chegue a um ponto de ser não igual ao futebol masculino porque eu acho que vai ter que ter um longo caminho ainda para ter isso, e também o futebol masculino vai continuar se desenvolvendo. Então iguais eles nunca vão ser. Pode ser que o futebol feminino se desenvolva, mas nunca vai ser igual ao futebol masculino.

4) Por quê?

Porque o futebol tem mais tempo e mais desenvolvimento. Então o futebol feminino se se desenvolver, o futebol masculino vai continuar se desenvolvendo. Então ele tem muito mais tempo de existência, de cinco campeonatos mundiais e tudo mais. Até uma seleção feminina se desenvolver, criar os ídolos, criar times tradicionais, fortalecidos, conhecidos pela torcida, o futebol vai continuar se desenvolvendo porque é uma paixão nacional. Então o futebol feminino pode chegar a um ponto que está hoje o futebol masculino? Pode. Vai levar um tempo, para mim vai levar décadas, mas aí o futebol vai continuar se desenvolvendo e vai estar cada vez mais adiante do que o futebol feminino. Isso não é questão de preconceito nem nada. É uma questão de ter uma realidade de desenvolvimento do esporte. O esporte está sendo envolvido com a questão financeira, com questão de dinheiro. Você não consegue desenvolver uma equipe, você não consegue segurar bons atletas, se você não tiver dinheiro para sustentar essa equipe e para pagar esse atleta. Se chegar até esse ponto, ótimo, o futebol feminino vai se desenvolver. Caso contrário vai continuar onde está.

5) Mas você não acha que podia ser diferente, em vez de as meninas começarem a ganhar e daí a imprensa começar a divulgar e elas conseguirem um crescimento até por causa de aparecimento de patrocínio, não seria mais fácil a imprensa dar uma “mãozinha”? Por exemplo: está tendo a Copa do

Mundo, é uma competição muito importante, e você não vê muito noticiário. Se elas jogam na quarta-feira, não é esse jogo que é transmitido.

Não existe “mãozinha”. A imprensa não está ali para fazer esse tipo de ajuda, senão ela vai ter que fazer esse tipo de ajuda para todos os demais esportes que são considerados amadores e que não tem a mesma inserção que tem o futebol, que tem o voleibol. Você não vai, por exemplo, que quem sabe pode se tornar um grande atleta. Você não pode pensar que ele pode ser um grande atleta. Isso não constitui uma notícia. A notícia é que ele é um grande atleta e que já conseguiu alguma coisa com determinada idade, algum título, ou se é muito novo e já está se sobressaindo. Então não tem como você inverter uma ordem natural do que é considerado um fato jornalístico. Fato jornalístico é aquele que você já tem algum ponto para pegar. Então vamos tentar ajudar a seleção brasileira feminina quem sabe a chegar nesse ponto. Não é a imprensa que é responsável por esse desenvolvimento. É o próprio que vai ter que se desenvolver pelas próprias pernas para depois a imprensa fazer esse tipo de coisa. Não é papel da imprensa dar esse empurrão para o esporte, ou para aquele outro esporte. É a mesma coisa de uma pessoa que faz uma denúncia. Ela faz uma denúncia e não fez nenhum tipo de boletim de ocorrência, não foi até a polícia. Não vai ser a imprensa que vai fazer o papel da polícia. Primeiro eu vou a uma delegacia, faço uma denúncia, vejo o que é que tem de ser feito, para depois tentar com a imprensa para ver se dar para fazer alguma coisa. Então não é o papel da imprensa desenvolver um esporte ou não. O esporte tem que se desenvolver por conta própria. E a consequência desse desenvolvimento é uma cobertura maior ou menor por parte da imprensa.

9.4- Apêndice D

Entrevista – Monografia IV / Adélio Santos Júnior – Técnico da equipe de futebol feminino Cresspom

A gente vê que a própria Rede Globo citou muito poucas vezes a apresentação da seleção no mundial. Ela televisionou os jogos pela tv fechada. Só quem transmitiu mesmo foi a Band. Você vê que os meios divulgaram pouco. O próprio Correio não teve tanta visão; tinha poucas notas pequenas. Agora com esse resultado que ele começou, fez uma matéria com a gente e tudo. Mas realmente os meios de comunicação não têm dado muita ênfase ao futebol feminino. E isso já é antigo.

1) E por que o senhor acha que isso acontece?

Eu acredito que pelo futebol feminino não ser difundido ainda, não ter tomado ainda proporções maiores, a questão do investimento pelos patrocinadores, porque você vê que no futebol masculino os patrocinadores têm uma contribuição muito grande na televisão, no jornal. O feminino ainda não está atraindo esses colaboradores. Espera-se que com esses resultados aí, com a CBF fazendo esse campeonato agora, os patrocinadores comecem a olhar e investir. Aí sim o futebol feminino vai ter essa notoriedade na televisão, nos jornais. Porque tem realmente retorno financeiro para essas grandes empresas aí de telecomunicações.

2) Mas o senhor não acha que a mídia poderia fazer o papel inverso de em vez de esperar os patrocinadores enxergarem o futebol feminino para daí começarem a publicar, a mídia não poderia publicar para daí sim surgir o efeito de aparecer patrocinadores?

Na realidade, num país como o nosso que é altamente capitalista, acho que não é de interesse. Mas que deveriam, sim. Porque na realidade estaria ajudando, fazendo um trabalho social. E quantas pessoas de famílias pobres estariam com uma condição melhor de vida com o crescimento do futebol feminino? Por exemplo, da mesma forma como o futebol masculino teve que saíram de lugares pobres e hoje são

astros, o feminino poderia também. A própria Marta você vê, passou dificuldades e depois foi pra Vasco da Gama e hoje é uma referência para o futebol feminino. Acho que a imprensa poderia fazer esse lado social, e não apenas o lado capitalista. Deveria pensar que o esporte ainda não dá retorno, não dá público, mas com a falta de investimento dela, acho também que as coisas só pioram, porque sabemos que a imprensa é muito importante.

3) Acha que ainda existe preconceito em relação às meninas no futebol?

Acho que existe sim. Com essa trajetória da seleção brasileira vem se quebrando isso. Acho que o povo vem quebrando esses preconceitos. Mas ainda existem pessoas com a idéia de que o futebol é para homem, que mulher que joga futebol tem outro tipo de opção, e esquece de ver o seguinte: em qualquer seguimento existe a questão da opção sexual. Existe lá dentro do Congresso, de grandes empresas, isso já é algo que faz parte da nossa sociedade. É um tabu que tem que ser quebrado. No futebol feminino existem mães de famílias, pessoas que têm seus namorados, e lógico que tem pessoas que tem sua opção sexual diferente. Mas é uma opção de cada uma e que realmente tem que ser quebrado esse preconceito. São pessoas que gostam de jogar o esporte, um esporte que está começando a crescer dentro do país, e esse preconceito deve ser abolido.

4) Você acha que um dia o futebol feminino pode ser tão querido quanto o masculino?

Eu acredito que sim. Mas claro, isso leva um tempo. O futebol masculino é centenário. Mas o futebol feminino vem conquistando seu espaço. Tenho visto o pessoal dizendo que gosta de ver o futebol feminino. Já se parou para ver a seleção feminina. Acho que com o tempo pode se chegar sim a isso. Você vê o voleibol leva um público bom aos ginásios. Acho que o futebol feminino tem plenas condições de fazer com que chegue igual ao futebol masculino, se não, muito próximo.

5) Qual diferença existe entre jogadores e jogadoras no futebol?

A diferença está na questão de massa muscular, na questão de explosão, dentro das suas proporções. Homem, por ter mais testosterona no corpo, tem mais explosão, mais força. Técnica não. Existem mulheres com mesma técnica ou mais do que muitos jogadores de futebol. Jamais pode falar que homem é mais técnico do que a mulher. A força física é algo genético, é do corpo em si. Isso sim. Quem trabalha com mulher pode dizer que ela tecnicamente é maravilhosa. Eu tenho atletas aqui que são fantásticas com a bola no pé, que taticamente são muito inteligentes, então isso puro preconceito de quem não conhece, não vivencia. É claro que tem as meninas que tem menos técnica, mas isso é em qualquer esporte. Tem as suas limitações devido a condição física. Mas os homens competem com os homens. E as mulheres também fazem um espetáculo maravilhoso e com muita técnica.

6) Você acha que agora com a iniciativa da CBF de fazer a Copa do Brasil vai continuar e vai ajudar a descobrir novos talentos e a crescer o futebol feminino?

Esse pontapé é um marco dentro do futebol feminino porque é o primeiro campeonato que a CBF realmente faz. O que se espera é que não seja apenas um “cala a boca” porque a mídia, a população, até o próprio presidente clamou por isso e ela tinha que dar uma resposta. Então ela está dando uma resposta e espero que não pare por aí. E é claro que com a CBF dando esse respaldo com certeza o futebol feminino será muito mais visualizado, as pessoas vão começar a acreditar mais, investir, e aí sim a tendência é crescer, é ter um futebol feminino como um voleibol, um basquete, com casa cheia, com pessoas investindo, as atletas tendo seus salários, como sobreviver. Esse pontapé é fundamental, mas que não pare por aqui, seja contínuo.

9.5- Apêndice E

Entrevista – Monografia V / Maíra Prioli – jogadora do time Mackenzie/ São Caetano

1) Como começou a jogar futebol?

Com meu pai e na rua , com os amigos.

2) Quando?

Aos 4 anos.

3) Por quê?

Porque sempre gostei do esporte, além de ser incentivada pelo meu pai, todos jogavam , afinal é a paixão nacional.

4) Quais as dificuldades que teve para jogar futebol?

Não encontrava outras meninas que jogassem e quando ia jogar com os meninos sofria muito preconceito.

5) Aonde já jogou (times e competições)?

Nacional - Campeonato Paulista 98 ; Universidade Mackenzie – 2001/02/03 – Campeão JUSP (Jogos Universitarios de SP) ; Mackenzie Corinthians (parceria) – Campeonato Paulista 04 ; California State University of Bakersfield (CSUB) – National League NCAA 05 ; Mackenzie São Caetano (parceria) – 06/07.

6) Aonde joga atualmente?

Mackenzie , já sou formada, mas continuo jogando pela universidade, somente os campeonatos não-universitários.

7) O que acha da cobertura jornalística feita sobre os jogos de futebol feminino no Brasil?

Efêmera, explode quando há algum campeonato e depois nunca mais se ouve falar.

8) Acha justo o espaço dado na mídia às meninas do futebol? Por quê?

A questão não é de justiça e sim de audiência, ou seja, dinheiro. As mídias só reportam aquilo que dá retorno e o interesse da massa brasileira é o futebol masculino. Tanto é que esportes como vôlei, handball, polo, atletismo entre outros, só ficam em evidência quando há algum campeonato mais visado, pois aí sim a audiência aumenta. Isto é, o dinheiro que “entra” com essa audiência, faz valer a pena reportar esses outros esportes.

9) A mídia poderia ser uma boa parceira para ajudar o futebol feminino a crescer, já que a divulgação aumentaria e a atenção poderia ser voltada para essa atividade também?

Sim, mas não é só isso. Depende de outras variáveis também. É preciso enxergar o cenário como um todo, analisando problemas e soluções. A função do Governo, por exemplo, é muito importante, visto que a maioria dos times está enraizado nas prefeituras. A Mídia irá reportar aquilo que for interessante, os famosos furos, por isso não adianta montarem um campeonato com times de diferenças técnicas discrepantes que sejam totalmente impossíveis de se assistir. Nenhuma mídia salva um campeonato ruim. A SPORTV, por exemplo, transmitiu as finais do Campeonato Paulista Feminino Série B e foi sofrível, difícil mesmo de se assistir. Já a transmissão do Paulista A, foi um jogoço, Santos e Jaguariúna, um jogo memorável. E isso resume tudo, o campeonato tem que ser bem embasado, sólido, com fases de classificação, eliminatórias, para ser mais competitivo e, conseqüentemente, mais interessante para a audiência.

10) O que suas companheiras de esporte pensam sobre as dificuldades e discriminação?

As pequenas dificuldades nos acompanham até hoje e já fazem parte do dia-a-dia. A falta de estrutura num âmbito geral, é a maior dificuldade, pois vai desde o uniforme usado até a falta de banheiro nos campos.

11) O que falta para o futebol feminino crescer?

Organização e respeito.

12) Acha que existe preconceito e machismo em relação à prática do futebol por mulheres ainda?

Sim, em nenhum outro esporte se questiona a sexualidade das atletas. Isso é prova de ignorância e falta de respeito pelo o que a atleta representa.

13) Acha que a Copa do Brasil de Futebol Feminino vai dar certo?

Não sei, na verdade espero que seja algo que não seja para “apagar o incêndio” das críticas que o governo está levando pela falta de incentivo. Mas ao mesmo tempo não entendo, ao invés de organizar algo com calma para 2008, querem fazer na correria para este ano ainda, assim vão pegar uns times quebrados e isso já começa errado.

14) Na sua opinião o futebol feminino ainda pode ser tão adorado e assistido quanto o masculino um dia? Se sim, o que falta para isso acontecer?

Acredito que sim, a paixão mundial é pelo esporte e não pelo sexo das pessoas que dão o espetáculo. Temos que analisar os fatores tirando de cena o sexo. Devemos pensar: o que o futebol masculino tem que dá tão certo? Jogos competitivos, dribles incríveis, pedaladas, competições de altíssimo nível que nos proporcionam duelos táticos surpreendentes. O jogo é lindo, apaixonante e emocionante, e isso é o que

atrai pessoas, e onde houver pessoas vistas como potenciais consumidores, haverá todo o tipo de mídia, patrocinadores e reconhecimento.